



# miguilim

revista eletrônica do netli

volume 8, número 3, set.-dez. 2019

## RASURA ESCRITA NÃO-VISÍVEL: O QUE OS PROCESSOS REVELAM?



## ERASURES NON-VISIBLE WRITING: WHAT DO THE PROCESSES REVEAL?

Janaína QUEIROZ  
Eduardo CALIL

Universidade Federal de Alagoas, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)  
RECEBIDO EM 14/07/2019 • APROVADO EM 03/12/2019

---

### Resumo

---

Este estudo tem por objetivo analisar 6 rasuras escritas de adição não-visíveis produzidas por uma díade de alunos recém-alfabetizados (6 a 7 anos), durante processos de escritura em tempo real. Tomamos a Genética Textual (DE BIASE, 2010; FABRE, 1989; GRESILLION, 2007), a partir de uma abordagem enunciativa, como base teórica. Nossa unidade de análise é o Texto Dialogal (TD) estabelecido na interação face-a-face, respeitando sua dimensão multimodal (gestos, expressões, movimentos corporais) e a fala espontânea e co-enunciativa dos alunos. O corpus analisado é constituído por 8 registro fílmico de 8 processos de escritura de histórias inventadas produzidas por uma mesma díade de escreventes novatos. Discutimos o estatuto

da rasura de adição através da análise do processo. Nossos resultados indicam que as rasuras escritas de adição serão sempre visíveis quando se contempla o processo de escritura em tempo real e que as marcas deixadas no produto, consideradas, por trabalhos anteriores, pistas para a identificação de acréscimos, nem sempre são suficientes para a localização dessa forma de rasura. Além disso, tomando por base os dados verificados, as rasuras de adição na escrita infantil ocorrem com maior frequência no nível ortográfico e sintático favorecendo reflexões metalinguísticas dessa ordem.

---

## Abstract

---

The aim of this study is to analyze 6 erasures non-visible written addition scraps produced by a dyad of newly literate students (6 to 7 years old) during real-time writing processes. We take Textual Genetics, from an enunciative approach, as a theoretical basis. Our unit of analysis is the Text Dialogal (TD) established in the face-to-face interaction, respecting its multimodal dimension (gestures, expressions, body movements) and the students' spontaneous and co-enunciative speech. The analyzed corpus consists of 8 filmic record of 8 processes of writing of invented histories produced by the same dyad of novice scribes. We discussed the status of the addition erasure through process analysis. Our results indicate that written erasures of addition scraps will always be visible when the real-time writing process is contemplated and that markings left in the product, considered by previous works, clues to identify additions, are not always sufficient for the localization this way of shaving. Moreover, based on the verified data, erasures of addition in children's writing occur more frequently at the orthographic and syntactic level favoring metalinguistic reflections of this order.

---

## Entradas para indexação

---

**PALAVRAS-CHAVE:** Rasura de adição. Texto dialogal. Comentários.

**KEYWORDS:** *Erasures* of addition. Dialogue text. comments.

---

## Texto integral

---

As investigações sobre a rasura em manuscritos escolares de escreventes novatos vêm sendo desenvolvidas desde o final dos anos 80 do século passado, quando Claudine Fabre (1989, 1990, 2002) analisou rascunhos (*brouillons*) produzidos por alunos franceses. Os resultados dessas pesquisas influenciaram muitos estudos preocupados em entender a gênese do processo de produção textual em contexto escolar (ABAURRE, 1997, BORÉ, 2000; PLANE, 2006, DOQUET, 2011, CALIL, 2009). Contudo, a maioria dos trabalhos foi realizada a partir da análise de produtos textuais (rascunhos, versões, cópias) coletados pelos pesquisadores, o que impossibilita analisar pontos que detalharemos a seguir.

Dentre as poucas pesquisas realizadas a partir da análise de processos textuais, podemos destacar os estudos de Doquet (2011) e de Calil (1998). A pesquisa de Doquet (2011) teve como objetivo analisar as operações metalinguísticas efetivadas por alunos de 10 anos de idade durante o processo de

escritura em tempo real. A pesquisadora usou o programa *Genèse du Texte* para capturar simultaneamente o movimento do cursor na tela de um computador, o movimento do mouse e o uso do teclado. Após o resultado da análise, foi possível registrar a dimensão temporal on-line das rasuras efetivadas ao longo da construção do texto, através registro do momento exato em que as pausas ocorreram e, com isso, o tempo que antecedeu a substituição e o apagamento de uma palavra. Todavia, os resultados desse trabalho não sugerem justificativas precisas para alguns aspectos relacionados ao estudo das rasuras. Não há como saber, por exemplo, o motivo da substituição, o que se colocam são apenas suposições. Outro fator que dificulta estudar a rasura levando em consideração as pausas é o fato de algumas delas terem sido realizadas sem a pausa.

Os estudos de Calil (2004, 2008, 2012, 2013) dão um passo a mais no que concerne às possibilidades de compreensão do processo de escritura de escreventes novatos. O autor propõe um método (Sistema Ramos) capaz de registrar, em tempo e espaço real da sala de aula, o processo de escritura (CALIL, 2019). O Sistema Ramos captura, simultaneamente, o manuscrito em curso, o diálogo e os gestos e movimentos dos escreventes. Isso permite ao pesquisador acessar as rasuras, alterações, supressões, pausas, hesitações, comentários feitos pelos escreventes durante o momento em que escrevem. A metodologia adotada contempla a dimensão multimodal do processo de escritura em tempo real e por esse motivo abre espaço para analisar detalhes antes não visíveis.

Fazendo uso da metodologia proposta pelo autor, pretendemos avançar na compreensão das rasuras de adição realizadas por alunos de 7 anos, verificando o que revelam os comentários produzidos durante a linearização do texto. A quantificação das rasuras de adição, aqui, não será realizada com base apenas no produto, através da análise de acréscimos feitos nos espaços entre as linhas ou nas bordas das folhas. Nosso objetivo nesse artigo é mostrar que as rasuras de adição, muitas vezes, não são identificadas no produto, mas o comentário produzido pelos alunos durante a execução do acréscimo é capaz de pontuar a ocorrência dessa rasura.

## 1 CONCEPÇÕES DE RASURA

Os primeiros estudos sobre a rasura nos manuscritos são frutos de pesquisas realizadas pela Genética Textual na década de 70, essa área de investigação tornou o que antes era considerado descartável, ponto chave para compreensão da gênese da escrita, a rasura passou a ser vista como ato capaz de anular a escrita, ao mesmo tempo em que aumenta o número de vestígios (GRESILLION, 2007). Depois dos estudos desse campo, a rasura passou a ser vista como ato que possui formas e funções passíveis de serem descritas a partir das análises dos manuscritos literários.

Segundo Grésillon (2007), a rasura pode aparecer sob três formas:

- Visível, permitido verificar o que foi escrito e rasurado;

- Visível, sem a possibilidade de verificação do que foi escrito e rasurado, pois, apresenta marcas fortes de tinta que escondem a grafia rasurada;
- Não visível, para perceber o apagamento, substituição, reformulações ou adições realizadas no texto, se faz necessário analisar as versões. (De Biasi classifica esse tipo de rasura como rasura branca)

As formas “visíveis”, descritas acima, referem-se às marcas deixadas no manuscrito, pista que indiciam o retorno à escrita. Em contrapartida, as formas “não visíveis” não deixam qualquer vestígio na primeira versão, só sendo possível localizá-las através da identificação de alterações a partir da comparação entre versões. Sobre a primeira forma a autora destaca que ela pode ocupar quatro posições:

- Rasura + reescrita sequencialmente;
- Reescrita no espaço interlinear;
- Reescrita na margem;
- Reescrita sem rasura.

Ao descrever a segunda forma, Grésillon (2007) enfatiza: a rasura serve para substituir, deslocar e suprimir com o objetivo de tornar o texto mais adequado à imagem abstrata que se tem dele. Isso pode ser feito de duas maneiras, uma ligada à reescritura e outra não. Em contrapartida, as rasuras “não visíveis” teria relação com a adição ou apagamento de algo e sua disposição na folha de papel. De Biasi (2010) se opõe a essa perspectiva ao considerar: a extensão, a fase da gênese, o suporte, a localização física, a relação com outras rasuras, o momento e a liberdade das rasuras do texto. Assim, o autor explicita, não devemos observar a forma e a função da rasura, pois “com a mesma função e a mesma aparência gráfica uma rasura parecida poderá ter significação e estatuto radicalmente distinto se, por exemplo, sua extensão é diferente” (DE BIASI, 2010, p.71). Sob essa perspectiva, toda rasura é singular, ainda que ela se realize por meio da mesma função. Uma mesma rasura pode apresentar justificativas diferentes para sua realização.

Do ponto de vista funcional, De Biasi (2010) descreve cinco mecanismos distintos para operação da rasura: substituição, exclusão, transferência, gerenciamento e suspensão, sendo os dois primeiros gestos fundamentais da escrita e o terceiro e o último ações raras.

Os estudos relacionados às formas e funções das rasuras também foram foco de pesquisas da área de Aquisição de Linguagem. Fabre (1986) coletou, durante dois anos, cem manuscritos em um curso preparatório da cidade de Midi, na França, e buscou analisar a natureza metalinguística das rasuras produzidas por escreventes novatos (7-9 anos).

Sua análise teve por base três aspectos: a distribuição espacial, a categoria gramatical e as operações das variações das rasuras (adição, supressão, substituição, deslocamento). Em se tratando dos resultados relacionados ao último aspecto, a pesquisadora encontrou uma hierarquia entre as operações realizadas durante o ato de rasurar: supressão > substituição > deslocamento > adição, ou seja, a supressão ocorrendo com maior frequência.

As pesquisas realizadas por Fabre (1986, 2004, 2013) ganham papel de destaque por serem as primeiras a se debruçar sobre os manuscritos escolares buscando compreender o funcionamento metalinguístico da escrita infantil, contudo, esbarram no limite de seus recursos metodológicos, já que, observam a produção das rasuras visíveis, apenas no produto, o que torna o terreno escorregadio. Como ter certeza, em relação ao número de rasuras de adição, por exemplo? Uma vez que, muitas vezes, elas não são percebidas, o acréscimo de um ponto final ou de um acento, e até mesmo de uma letra podem não ser notados.

Tendo em vista as lacunas deixadas pela análise do produto, Calil (1995, 1998, 2003, 2008, 2012a, 2014, 2016, 2018), como já mencionamos, desenvolveu uma metodologia (Sistema Ramos) capaz de captar a dimensão multimodal do processo de escritura em ato. Esse novo método levou o pesquisador a ter acesso a um novo tipo de rasura, qual seja, a Rasura Oral Comentada.

## 2 A RASURA E O PROCESSO

A partir da observação de diálogos produzidos durante a escrita colaborativa, realizada por uma dúode de alunos do Ensino Fundamental, Calil (2008) identificou, durante a linearização e inscrição do texto, momentos de tensão no fluxo dialogal. Essa observação levou o autor a concluir que a rasura não estaria restrita à escrita ocorrendo, também, na oralidade, esses retornos, ocorridos oralmente, foram classificados pelo autor, “rasura oral” (CALIL, 2016). Logo, a rasura oral seria parte integrante de um Texto dialogal constituído por uma dúode de alunos durante a produção do manuscrito escolar.

A realização da rasura oral é antecedida pela identificação de um elemento textual que potencialmente pode fazer parte da composição do texto, “essa identificação caracteriza-se por uma interrupção feita pelo locutor no fluxo narrativo e escritural, um ‘retorno’ sobre o OT<sup>1</sup> identificado, sucedido por comentários referentes a ele.” (CALIL, 2016, p.536)

---

<sup>1</sup> pontos de tensão localizados no fluxo dialogal, marcados por operações metalinguísticas. (CALIL, 2016)

A identificação do OT pode ocorrer de diferentes formas, não estando relacionada apenas a oralidade. O ponto de tensão pode ser localizado:

- Através da rasura escrita visível no manuscrito, mas sem a produção de comentário;
- A partir do comentário feito pelo aluno, sem que tenha havido marca de rasura no manuscrito (o que seria mais propriamente a rasura oral, possível de ser analisada somente através do vídeo sincronizado);
- Com base na rasura escrita, mas não visível no manuscrito, podendo ou não receber comentário (também somente identificável no processo).

As três formas de identificação citadas são válidas em virtude do uso do Sistema Ramos, uma vez que, ele contempla a produção de um filme-sincronizado produzido após a coleta. Com o registro fílmico conseguimos verificar retornos ocorridos: só na oralidade com ou sem comentário (rasura oral e rasura oral comentada), só na escrita, com ou sem marca do ato de revisão (rasura escrita visível e não-visível), e na oralidade e na escrita ao mesmo tempo (rasura escrita comentada).

Essa categorização permitiu realizar uma análise mais detalhada das reflexões metalinguísticas desenvolvidas pelos alunos, através de argumentos, relacionados, por exemplo, a justificativas referentes à escolha de uma letra em detrimento de outra, ou a descrição do motivo pelo qual foi trocado o nome de um personagem. Enunciados com essa natureza foram denominados “comentário”. Sobre o comentário, Calil (2016) afirma que, esses são feitos durante o processo e produzem efeitos de configuração do produto final, indicando os elementos linguísticos, gráficos, discursivos que não foram inscritos ou foram, mas depois foram rasurados. Eles apresentam diferentes funções: corrigir questões gramaticais e ortográficas, reparar “insatisfação” com partes da história, adequar a escrita ao espaço das linhas da folha, “melhorar” a caligrafia, entre outros. Cada função está relacionada a problemas identificados pelos escreventes, que podem ser de ordem gráfica, linguística ou textual.

Do ponto de vista linguístico-enunciativo, o autor classifica os comentários em simples e desdobrado. Simples seriam os comentários sem valor argumentativo e desdobrados seriam aqueles compostos por “argumentos que sugerem reflexões e conhecimentos sobre a língua” (CALIL, 2017, p.169).

O reconhecimento de um OT, ao produzir um ponto de tensão no processo escritural pode ou não gerar comentários relacionados ao OT reconhecido, como indicado no trabalho de Calil & Pereira (2018), no qual os autores verificam problemas ortográficos produzidos por uma díade de alunas do 2º ano do Ensino Fundamental a partir da análise enunciativa e microgenética de seis histórias



inventadas. Diferente da maioria dos estudos, os pesquisadores relacionam os Problemas Ortográficos<sup>2</sup> (PO) à produção textual.

O resultado do estudo indica que:

- i. Reconhecimentos ensejam comentários nem sempre relacionados ao problemas ortográficos identificado;
- ii. Reconhecimentos e comentários estão relacionados aos conteúdos ortográficos ensinados em sala de aula;
- iii. Alguns PO reconhecidos envolvem a articulação de diferentes níveis linguísticos. Esses aspectos podem contribuir para a compreensão da aprendizagem da ortografia em situações didáticas propiciadas pela escrita colaborativa a dois

As considerações de Calil (2017) levam-nos a rever afirmações já feitas sobre as formas de rasura, especificamente a rasura de adição. Desde os primeiros trabalhos da Genética de Texto, a rasura de adição vem sendo analisada a partir das pistas deixadas em uma segunda versão de um manuscrito literário, pois, na maioria das vezes, ela não deixa marcas na primeira. Gresillon (2007, p.98) denominou esse tipo de rasura “rasura não visível”, sendo geralmente, a realização de uma alteração feita de uma versão para outra. De Biasi (1996) optou por denominar essa ocorrência “rasura branca”.

Os acréscimos localizados pelos autores estavam relacionados, muitas vezes, a questões semânticas ou textuais. Sobre esse aspecto, vale salientar o fato de ambos os autores trabalharem com escritores experientes, sujeitos conhecedores das regras gramaticais e ortográficas da língua. E talvez, por esse motivo, as adições estariam ligadas à necessidade de adicionar novos fatos aos textos e/ou alterar o sentido de uma palavra ou fato já inscrito, logo, essa forma de rasura, nesses estudos, tem relação com questões de ordem macro textual, ou seja, com todo semântico, com a coerência global (VAN DIJK & KINTSCH, 1983).

Trazendo a discussão para o universo da escrita infantil, Fabre (1989) ressalta a dificuldade encontrada pelas crianças em inserir novos acontecimentos em suas histórias pois, costumam escrever textos narrativos. Em sua pesquisa, a autora não menciona a ocorrência de acréscimos resultantes da necessidade de corrigir problemas ortográficos ou gramaticais, o que de fato seria muito difícil localizar, pois ela não fazia uso de qualquer recurso capaz de registrar essas adições, e as rasuras de adição ligadas à ortografia, por exemplo, se fundem à escrita do texto gerando uma rasura “não-visível” impossível de ser detectada apenas no produto.

---

<sup>2</sup> SILVA, 2019.

Em virtude da facilidade que essa forma de rasurar tem de ser “invisível” no manuscrito, elegemos o Sistema Ramos como método para observar e analisar as ações realizadas pelo escrevente durante a linearização do manuscrito em curso.

### 3 METODOLOGIA

#### 3.1 CONTEXTO DA COLETA

O corpus<sup>1</sup> analisado é composto por 8 processos de escritura em tempo real, coletados por integrantes do LAME, em uma escola da cidade de Maceió. A escola atende a alunos da Educação Infantil e do Ensino Fundamental 1. Para o projeto em questão foi selecionada uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental.

O projeto foi aplicado em 2013, semanalmente, durante um semestre (de junho a novembro). No decorrer desse período, a professora solicitou 10 produções textuais (por razões técnicas, analisaremos 8 dessas produções). Todos os manuscritos foram produzidos por duplas formadas pela docente. Para a escolha a professora levou em consideração o nível de conhecimento dos alunos sobre a escrita (alunos que já haviam compreendido o princípio alfabético) e a formação espontânea de parceria entre os alunos.

Das sete duplas pertencentes à turma, apenas três foram filmadas. Para nosso trabalho, escolhemos a díade Joseph e Bruna. Todos os manuscritos foram escritos alternando a função dos alunos, ou seja, se em uma produção o aluno ficasse responsável por escrever, na outra iria ditar. Os processos 002,004, 006 e 008 foram escritos por Bruna e os demais foram escritos por Joseph.

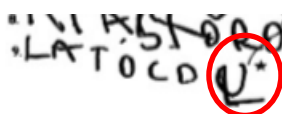
Focaremos no terceiro momento para a análise das Rasuras Escritas Comentadas “não-visíveis” de adição.

#### 3.2 CATEGORIA DE ANÁLISE

Denominamos “Rasura Escrita Comentada” (REC) toda rasura escrita acompanhada por comentários relacionadas a ela. Essas verbalizações podem ocorrer antes, durante ou após a efetivação da marca de rasura.

Vejamos a ilustração:

**Figura 1: OT tocou**



**Fonte: Laboratório do Manuscrito Escolar (LAME)**



156. ISABEL: (Ditando)...E ela...
157. NARA\*: (Repetindo e escrevendo ‘ela’)...e [E]... (mudando de linha para escrever ‘la’.) E ela [LA]... (Terminando de escrever ‘ela e olhando para Isabel).
158. ISABEL: (Ditando) Tocou a campainha...
159. NARA\*: (escrevendo ‘tocou’) To [TO]...co [CO]...
160. ISABEL: (Enfatizando o final da palavras ‘tocou’) Tocoooouuuuu
161. NARA\*:...toco...coo [U] (Terminando de escrever ‘tocou’. Olhando para Isabel e rindo)
162. ISABEL: (Rindo e pedindo para Nara parar de rir) A vai, Nara.
163. NARA\*: (Apontando para a palavra ‘tocou’.) Aiiiiii...fiz o ‘u’
164. ISABEL: ah, deixa...
165. NARA\*: (Escrevendo a letra ‘l’ sobre a letra ‘u’ na palavra ‘TOCOUL’) Vou pôr o ‘ele’.

O dado apresenta três comentários relacionados à rasura da palavra ‘tocou’, dois ocorrem antes e um após a realização da rasura escrita. No turno 163, Nara identifica o OT relacionado ao nível ortográfico (Aiiiiii...fiz o ‘u’) e no 164, Isabel sugere manter a escrita (ah, deixa). Só no 165 a escrevente opera a rasura através da substituição da letra ‘u’ pela letra ‘l’. Esses três comentários dão a essa rasura o estatuto de Rasura Escrita Comentada.

Assim como as rasuras escritas, as REC também podem ocorrer por meio das quatro operações (substituição, supressão, apagamento e adição) sendo realizadas de forma “visível” e “não-visível”. Nessa pesquisa, daremos ênfase as REC “não-visíveis” produzidas por meio da adição. Vale ressaltar que, aqui, o termo “não-visível” está relacionado à ausência da marca de realização desse tipo de rasura no produto, independente da quantidade de versões produzidas.

Em nossa pesquisa, as rasuras “não-visíveis” só podem ser localizadas a partir do processo registrado pelo Sistema Ramos, através dele conseguimos ter acesso, com precisão, ao momento e aos comentários produzidos pelos alunos durante realização da rasura.

Outro ponto a ser destacado está relacionado à operação de acréscimo. Classificaremos como adição toda alteração realizada em trechos ou palavras consideradas finalizadas pelos escreventes. Para identificar essa finalização tomamos por base a verbalização de comentário que indicam esse fato (“pronto, e agora”; “coloco o que depois”), ou, a inscrição de novas palavras ou novos trechos na linearização da história, ainda que o aluno “esqueça” de grafar alguma letra e retorne, posteriormente.

Iniciamos a análise dos dados localizando as REC “não-visíveis” de adição no filme sincronizado. Em seguida, destacaremos, nos Textos Dialogais (TD), os

trechos relacionados aos OT das rasuras. Destacamos os OT em vermelho, e, seus respectivos comentários em azul (como fizemos no dado anterior). E, por fim, classificamos e analisamos os comentários.

#### 4 REC NÃO-VISÍVEL DE ADIÇÃO

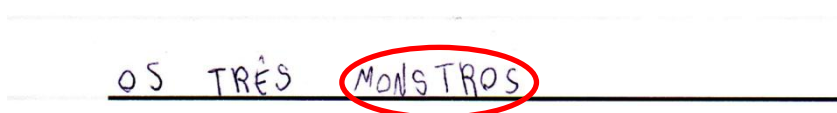
De modo geral, análise dos 8 manuscritos revela um total de 117 linhas escritas, 702 palavras grafadas e 80 palavras rasuradas. Vale salientar que os processos com a maior quantidade de palavras foram escritos por Bruna. E, do total de 80 rasuras produzidas, apenas 8 são não-visíveis. Segue descrição por processo na tabela abaixo:

**Tabela 1- Quantidade de linhas, palavras e rasuras por manuscrito**

Nº DO PROCESSO	Nº DE LINHAS	Nº DE PALAVRAS	Nº DE RASURAS	Nº RASURAS “NÃO-VISÍVEIS
002	10	110	14	1
003	14	85	16	1
004	15	131	7	0
005	16	101	14	1
006	18	129	10	0
007	16	85	9	0
008	16	102	7	1
009	14	71	4	2
<b>TOTAL</b>	<b>119</b>	<b>814</b>	<b>111</b>	<b>6</b>

As REC “não-visível” de adição produzida no processo 002 ocorreram durante a escrita da palavra “monstros”, grafada no título da história.

**Figura 2: Título do manuscrito 002**



**Fonte: Laboratório do Manuscrito Escolar (LAME)**

Episódio 1: TD 01\_002\_00:24:26 – 00:24:46

537

BRUNA\*: Mom, mom... (perguntando como se escreve a palavra monstro), “M”... “O”...

JOSEPH: “S”...

BRUNA: Mon... Mon... Aí, MONS... (ênfatisando o som do ‘n’)

JOSEPH: N

BRUNA\*: (escrevendo [mons]) Mons...Mons... Aí, depois?

JOSEPH: S (Apontando para a folha se referindo ao “s” da primeira sílaba “mons”)

BRUNA\*: T...R...O (Concluindo a palavra ‘monstro’ [tro])

JOSEPH: É. T...R...O Aí depois...

BRUNA\*: Aí eu boto... Aí eu boto...

JOSEPH: (Apontando para a palavra “monstro” e dizendo a letra ‘s’ que faltou na inscrição de Bruna.) “S”.

Identificamos no turno 253, um comentário simples produzido por Joseph advindo do reconhecimento de um problema ortográfico gramatical (“s”). Joseph, apesar de ainda não ter conhecimento de boa parte dos termos gramaticais, nem ter sido exposto didaticamente às regras de concordância nominal, indica ter um conhecimento implícito sobre esse problema: o numeral deve concordar com substantivo. A rasura não-visível, nesse caso, realiza-se através do acréscimo da letra “S” ao final do substantivo masculino grafado após o comentário simples proferido por Bruna (turno 252). Vale observar que Bruna, ao dizer ‘ai eu boto’, não está se referindo ao que falta na palavra ‘monstro’. A pergunta “ai eu boto?” refere-se ao que ela tem que escrever em seguida e não ao que já foi escrito. A aluna já havia dado por finalizada a escrita do vocábulo em questão e voltou a ele para adicionar um “s” em virtude da correção do colega.

No processo 003, a palavra “computador” também é alterada através da adição.

### Figura 3: Trecho do manuscrito 003

8 PARA O COMPUTADOR E ELAS JOGARAM

Fonte: Laboratório do Manuscrito Escolar (LAME)

Episódio 2: TD 04\_003\_00:35:18 – 00:35:47

JOSEPH\*: Eu não sei como se escreve **computador**.

BRUNA: C[c]-o[o]-n[n]-p[p]-u[u]-t[t]-a[a]-d[d]-o[o], (Joseph escrevendo enquanto Bruna soletra). agora. *Agora leia*.

290.JOSEPH\*: **Com... pu... ta... dor**. (Joseph lendo a palavra “computador”.)

291.BRUNA: **Um “r”** (indicando que falta por um “r” no fim da palavra ‘computador’. Joseph acrescentando [r]).

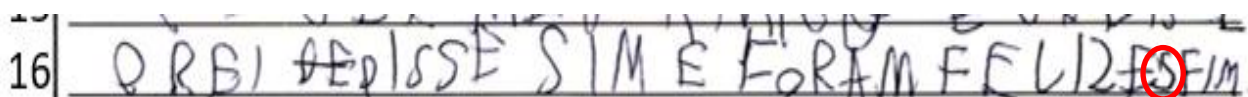
292.JOSEPH\*: Computador. (Pronunciando o “r” com mais ênfase).

293.BRUNA: Ai elas jogaram.

Aos 35':50 Joseph afirma para colega, no turno 288 do TD 004, não saber escrever a palavra computador. Após soletrar a palavra, no turno 289, Bruna pede para Joseph ler. A leitura faz a aluna perceber a ausência do “r” no final da sílaba, levando-a a solicitar o acréscimo da letra. Tanto na rasura da palavra “monstros” como nesse caso, estamos considerando o retorno, ou seja, a revisão como fator determinante para considerarmos a adição de elementos linguísticos uma rasura. É perceptível nos dois casos nos quais o aluno rever a escrita, que não é um acréscimo realizado por esquecimento, por exemplo, e, são os comentários - nesse caso, “agora leia” (turno 289) - que nos permite fazer tal afirmação. Quando Joseph ler (turno 290) e pronuncia o “r” na palavra, Bruna localiza o problema ortográfico e faz a correção através de um comentário simples (um “r”).

A terceira rasura não-visível só ocorre no quinto processo (linha 16).

**Figura 4: Trecho do manuscrito 005**



**Fonte: Laboratório do Manuscrito Escolar (LAME)**

Episódio 3: TD\_005\_00:47:29 – 00:48:28

JOSEPH\*: (Falando o que será escrito para o final da história) ...foram felizes...

BRUNA: ...foram... (Joseph linearizando [foram f])

JOSEPH\*: (Após inscrever [f] da palavra ‘felizes’ interrompe o traçado, dizendo ‘Felizes’, só. Porque não vai não caber. (apontando para o final da linha em que está escrevendo) ... Oh! Não vai não caber.

BRUNA: (Olhando para o final da linha) ‘Felizes’, ponto. Você bota aqui embaixo. (Apontando com o dedo indicador o início da linha seguinte onde Joseph poderia escrever o ponto)

JOSEPH: ...só... só ‘felizes’. (Continuando a linearizar ‘felizes’ e em seguida lineariza ‘fim’, com letra espremida no final da linha) ...[elize fim].

BRUNA: (Puxando a folha para si, lendo o final da frase) ...felizes... (Virando a folha para Joseph). Pronto. (Joseph olhando para o final da linha e lendo em silêncio ‘felize’, apontando a caneta em direção à palavra [felize]) Dê à tia.

JOSEPH\*: (Apontando a caneta na palavra [felize] e falando em tom de dúvida) Felize? (Olhando para Bruna)

BRUNA: (olhando para a palavra [felize]) Felizes! (Pegando a caneta da mão de Joseph, virando a folha para si e inscrevendo a letra ‘s’ entre [felize] e [fim]) ...[s]... Pronto! (devolvendo a caneta para Joseph)

JOSEPH\*: (Olhando para a palavra ‘felizes’ e lendo em voz baixa) ...felizes...

Antes de grafar ‘foram felizes’, Joseph antecipa um problema gráfico-espacial, dizendo ‘não vai caber’. Enquanto ele lineariza, Bruna pede para continuar na linha debaixo, mas ele não o faz. Termina por ‘espremer’ as letras finais da palavra ‘fim’, que acrescenta logo após ‘felizes’. Talvez o fato de querer linearizar ‘foram felizes fim’ no final da linha, tenha provocado a ausência da letra ‘s’ na palavra ‘felizes’. Semelhantemente ao acréscimo de ‘s’ em ‘monstros’, ele novamente observa um problema de concordância (ortográfico gramatical). Bruna, concorda com o que Joseph observou, pegando a caneta e inserindo a letra ‘s’ entre as duas últimas palavras linearizadas.

No processo 006 e 007, assim como no 004, não identificamos nenhum OT referente a nossa categoria de análise.

A rasura não-visível seguinte foi localizada no processo 008 e está relacionada ao espaço em branco que sobrou na última linha.

### Figura 5: Trecho do manuscrito 008



Fonte: Laboratório do Manuscrito Escolar (LAME)

Episódio 4: TD\_008\_00:58:10 – 00:59:18

BRUNA\*: Ana, usamos todas as linhas (mostrando o manuscrito para Ana Alice e Luma, dupla que estava na fila ao lado):: Luma, usamos todas as linhas. Sem passar da linha... e ainda sobrou (colocando o dedo no espaço em branco que sobrou na última linha), um pouquinho de nada (juntando o dedo polegar ao dedo indicador) mas deu né?

JOSEPH: Só um tiquin...(levantando o dedo indicador)

BRUNA\*: Por isso que eu fiz pequena oh! (mostrando a folha e apontando com a caneta a parte em que, possivelmente, as letras estão menores)

JOSEPH: (olhando para Bruna e rindo enquanto ela mostra a folha a Ana) ééééé

BRUNA\*: E por isso que eu fiz pequena mas sobrou só um pouquinho.

ANA: Um pontinho.

BRUNA\*: Foi. Um pontinho não, né Ana (balançando a cabeça e juntando as palmas das mãos)...pouquinho mais grande

JOSEPH: Ei, se você fizer desse tamanho pequeninho a letra (gesticulando com as mãos através da junção do polegar e do dedo indicador enquanto Bruna faz um traço no espaço que sobrou na última linha) Aí... aí (SI).

BRUNA\*: Fica caindo esse nome (pegando a etiqueta com o nome dela que estava colada na blusa e colando novamente)

JOSEPH: . Ei, olha (tocando na camisa para verificar a etiqueta com o nome)

BRUNA\*: Olha o que eu fiz, fiz um traço. Eu fiz um traço. (Risos.) Ô Ana Alice, Ana Alice, Ana Alice, Ana Alice, Ana Alice...(chamando a colega)

JOSEPH: Ela fez um traço (virando para chamar a dupla ao lado e falando com tom de admiração). Ei (SI).

BRUNA\*: Ana Alice, Ana Alice, Ana Alice olha (rindo).

JOSEPH: Ei, faz um traço ai (um colega se aproxima para ver o que Bruna fez e a aluna esconde colocando as mãos em cima). É que minhas costas estão (SI) (se levantando e se espreguiçando). Ai, ai aiaiaiaiaia (Bruna rasurando o traço)

BRUNA\*: Ana, Ana Alice, agora eu apaguei o traço (mostrando a folha) fazendo assim... txu... txu... txu...

JOSEPH: xiiiiii (fazendo movimentos circulares com o dedo na banca)... se você riscasse o papel todo...xiii... Aí teria que fazer outro né

Encontramos, nesse TD, uma rasura não-visível anulada, posteriormente, por uma substituição, logo, identificamos dois OT.

O primeiro OT surge no final da produção textual, quando Bruna mostra o manuscrito para a dupla que estava ao lado (Ana Alice e Luma) e enfatiza o fato de ter usado todas as linhas, mas sinaliza o pouco espaço que sobrou (turno 482: “e ainda sobrou...um pouquinho de nada). Em seguida, Ana destaca ter sobrado espaço para “um pontinho” e Bruna discorda, através de um comentário simples, “um pontinho não, né Ana...um pouquinho maior” e insere um traço no espaço em branco realizando a rasura de adição. Com essa ação, ela parece ter anulado o ponto final colocado na última frase do texto (segundo OT), o que a faz apagar o traço e refazer o ponto, agora, maior. Através dessa inscrição a aluna parece resolver o problema do espaço e da pontuação. Destacamos que, o fato de o ponto está mais marcado no manuscrito não caracteriza a rasura de adição do dado uma rasura visível, visto que, essa marca é fruto da substituição do traço pelo ponto e não da adição.

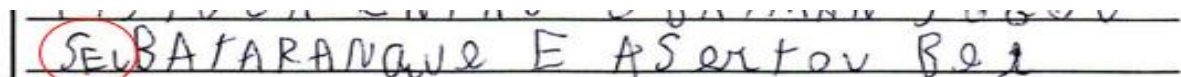
Vemos, nesse dado, a preocupação dos alunos em dar conta do espaço delimitado para escrita do texto. A rasura ocorre, aqui, não por uma questão gramatical como vimos em “os monstros”, mas sim espacial, semelhante aos OT



destacados em “Felizes Fim”. Completar todas as linhas parece indicar para os escreventes novatos tarefa cumprida com total êxito (usamos todas as linhas).

Diferente dos demais processos, o último manuscrito apresenta duas rasuras invisíveis. A primeira relacionada ao OT “seu” e a segunda relacionada ao emprego do ‘ponto final’. Analisaremos apenas a primeira.

**Figura 6: Trecho do manuscrito 009 OT 1**



**Fonte: Laboratório do Manuscrito Escolar (LAME)**

Episódio 5: TD\_009\_00:50:10 – 00:50:54

JOSEPH\*: Ele só (Joseph escrevendo em silêncio [ficou com uma cara] cara. Olha! (lendo e deslizando o dedo indicador na folha)..Era uma vez o Duas Caras que estava roubando o banco, mas o Iron Man usou seu laser contra sua pistola. Então, o Bat..Batman jogou seu ba... (Joseph retorna sobre o “S” já escrito e acrescenta “eu” [eu]) batarang e acertou bem na cabeça do Duas Caras. Então ele só ficou com uma cara e virou o Uma Cara. Olha o que ele virou – o Uma Cara. ::: O cinema já começou ::: H-U-L-K. Ô tia, Hulk não tem “c” não, né?

A rasura ocorre durante a releitura de Joseph. Aos 50 minutos e 10 segundos de produção, Joseph inicia a leitura do texto para que Bruna verifique como ficou a história. Durante essa revisão, o aluno identifica o OT ao perceber que, onde deveria estar escrita a palavra “seu” estava grafado apenas o “s”, o que o leva a adicionar o “eu”.

De modo geral, esses episódios evidenciam que os alunos da díade, ao identificarem o problema tendem a produzir comentários simples, em forma de correção, repetindo o ponto de tensão (episódio 1,2 ,3). São esses comentários que permitem a identificação da rasura “não-visível”, pois neles aparecem os elementos que serão adicionados. O conceito de ROC proposto por Calil (1998, 2016) possibilita a localização dessa forma de rasura através da análise do filme sincronizado.

O OT do episódio 4 estaria relacionado à marca de pontuação do final da história. A ideia de texto acabado, completo, parece estar relacionada ao preenchimento de todas as linhas da folha. Aspectos como esse estão relacionados ao momento escolar desses alunos. As informações visuais advindas de materiais impressos e acessíveis tanto em contexto familiar quanto em contexto escolar favorecem a formação da memória visuais relacionada às marcas de pontuação.

Notamos nos dados, portanto, a presença de questões relacionadas a mais de um nível linguístico (ortográfico, sintático, textual e espacial) relacionadas a produção de comentários simples, o que, por vezes, evidencia a dificuldade de

verbalizar o conhecimento metalinguístico, como ocorreu com os OT ligados à concordância.

Por fim, destacamos, essas rasuras não-visíveis ocorrerem sempre no final, seja da palavra, da frase ou do texto.

## CONCLUSÃO

A pesquisa evidenciou, quantitativamente, que as rasuras escritas operadas pelas adições têm um baixo índice de ocorrência na produção dos manuscritos escolares (5,4%). Além disso, destacamos o fato de quatro, dentre as seis rasuras analisadas, terem sido realizadas nos níveis sintáticos e ortográfico, a partir de releitura dos OT. Esse resultado nos mostra que as adições operadas nesses níveis levam os escreventes novatos a refletirem sobre problemas de ordem ortográfica e sintática através, muitas vezes, do apoio na pauta sonora. A repetição na oralidade torna-se um recurso para checar se existe ou não problema no que foi escrito.

A análise quantitativa revelou ainda que o número de rasura de adição não está diretamente ligado a quantidade de palavras rasuradas, dizendo de outro modo, o texto com maior número de rasura não necessariamente terá mais adições. O processo 003 apresentou 16 rasuras escritas sendo apenas 1 de adição, enquanto o processo 009 possui somente 4 rasuras das quais 2 são de adição.

Investigar as REC “não-visíveis” de adição a partir do processo permiti-nos preencher o espaço em branco deixado pela análise do produto, em contrapartida, nos mostra que, diferente do que foi apresentado pela literatura até o momento, algumas marcas identificadas no texto, nem sempre podem ser consideradas pista para a localização de um acréscimo. O aluno pode reduzir o tamanho de uma letra sem ser motivados pela necessidade de grafar algo novo no meio de uma frase.

Sob esse viés, consideramos que toda alteração realizada em um trecho, letra ou palavra após a linearização da sequência da história é uma rasura. Alterar uma palavra como consequência de um movimento de retorno é uma revisão.

## Notas

1 Pertence ao Laboratório do Manuscrito Escolar (LAME).

---

## Referências

ABAURRE, Maria Bernadete Marques. *Cenas de aquisição da escrita: O sujeito e o trabalho com o texto*. Campinas, SP: Associação de leituras do Brasil (ALB): Ed. Mercado de Letras, 1997.

BIASI, P.-M. de (1996). *Qu'est-ce qu'une rature?*. In B. Rougé (Éd.), *Ratures et repentirs* (pp. 17-

48). Pau: Publications de l'Université de Pau.

BORÉ, C. *Le brouillon, introuvable objet d'étude?*. Pratiques, 105-106, 23-49, 2000.

CALIL, E. *Escutar o invisível: escritura e poesia na sala de aula*. São Paulo, UNESP; Rio de Janeiro, FUNARTE, 2008.

CALIL, E. *Autoria: a criança e a escrita de histórias inventadas*. 2ª ed. Londrina: Eduel, 2009.

CALIL, E. *O sentido das palavras e como eles se relacionam com o texto em curso: estudo sobre comentários semânticos feitos por uma díade de alunos de 7 anos de idade*. Alfa, São Paulo, v.60, n.3, p.531-555, 2016a.

CALIL, E. *Rasura oral comentada: definição, funcionamento e tipos em processos de escritura a dois*. In: Silva, Carmen Luci da Costa, Del Ré, Alessandra, Cavalcante, Marianne (orgs.) *A criança na/com a linguagem: saberes em contraponto*. Porto Alegre: UFRGS, 2017, pp. 161 – 192, 2017.

DOQUET, C. *L'écriture débutant: pratiques scripturales à l'école élémentaire*. Rennes : Presses Universitaires de Rennes, 2011.

FABRE, C. *Des variantes de brouillon au cours préparatoire*. Études de Linguistique Appliquée, 62, p. 59-79, 1986.

FABRE, C. *La réécriture dans l'écriture: les cas des ajouts dans les écrits scolaires*. In: Études de Linguistique Appliquée (E. L. A), nº 68. Paris, 1987.

FABRE, C. *Brouillons scolaires et critique génétique: nouveaux regards, nouveaux égards?* In: Linx, 51, 2004.

FABRE, C. *Das variantes do rascunho ao curso preparatório*. In: Debates em Educação. v 5, n. 10, 2013.

GRESILLON, A. *Éléments de critique génétique*. Lire les manuscrits modernes. Paris, PUF, 2007.

VAN DIJK, T.A., & KINTSCH, W. (1983). *Strategies of discourse comprehension*. New York: Academic Press.

---

## Para citar este artigo

---

QUEIROZ, Janaína Ligya da Rocha; CALIL, Eduardo. *Rasura escrita não-visível: o que os processos revelam?*. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli, Crato*, v. 8, n. 3, p. 527-544, set.-dez. 2019.

---

## Os autores

---

**Janaína Queiroz** é doutora em Linguística e pesquisadora do Laboratório do Manuscrito Escolar (LAME). Seus interesses científicos situam-se em torno do

processo de aquisição da linguagem, da metodologia de ensino da língua escrita e do letramento escolar. Pesquisadora CAPES, [ligyajainaina@gmail.com](mailto:ligyajainaina@gmail.com).

**Eduardo Calil** é doutor em Psicolinguística e Professor Titular do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas. Dirige o Laboratório do Manuscrito Escolar (LAME) e é pesquisador do CNPq. Seus interesses científicos situam-se em torno da alfabetização, da metodologia de ensino de língua escrita e dos processos de escritura em tempo real. Dentre suas publicações destacam-se o livro *Escutar o invisível: escritura & poesia na sala de aula* (UNESP/FUNART) e *L'école, l'écriture et la création : Études franco-brésiliennes* (L'Harmattan-Academia). Pesquisador CNPq, proc. 304050/2015-6, FAPEAL, proc. 60030 479/2016; [calil@cedu.ufal.br](mailto:calil@cedu.ufal.br).